

## Mulheres pobres brasileiras e o cuidado com a criação: uma perspectiva teológica feminista da libertação e relações de gênero

Poor Brazilian women and creation care:  
A theological perspective of feminist liberation and gender relations

**Por Claudete Beise Ulrich**

Pós-Doutora em História (UFSC)  
Doutora em Teologia (EST)  
Licenciada em Pedagogia (UDESC)  
Bacharel em Teologia (EST)  
claudetebeiseulrich@hotmail.com

### Resumo:

Mulheres pobres brasileiras e o cuidado com a criação é um tema amplo e desafiante. Fala do compromisso, da memória, do martírio, do cuidado e da busca do reconhecimento da luta das mulheres pobres agricultoras no Brasil. Portanto, falar de mulheres e criação a partir do Brasil é falar a partir de relações de conflito. O presente artigo busca refletir a partir da teologia feminista da libertação e das relações de gênero este tema de importância fundamental para a emancipação humana em nosso país. O processo de cuidado com a criação é um tema conflitivo, sim, mas aberto, ecumênico, econômico, político... plural... teológico... feminista, pois a Terra pertence a Deus. As mulheres pobres nos convocam a esta reflexão.

**Palavras-chave:** Mulheres pobres. Cuidado com a criação. Teologia feminista da libertação.

### Abstract:

Poor Brazilian women and creation care is a broad and challenging subject. It speaks of commitment, of memory, of martyrdom, the care and seeking recognition of the struggle of poor women peasants in Brazil. Thus, talking about women and creation in Brazil and Latin America means to talk about conflictive relations. This article aims to reflect from the feminist theology of liberation and gender relations this issue of fundamental importance for human emancipation in our country. The process of creation care is a contentious issue, yes, but open, ecumenical, economic, political... plural... theological... feminist, because the Earth belongs to God. The poor women summon us in these discussions.

**Keywords:** Poor women. Creation care. Feminist theology of liberation.

### “Mãos de Semeadora”

Olha para estas mãos  
de mulher agricultora,  
esforçadas mãos semeadoras.

Mãos que trazem as marcas do trabalho,  
Muitas vezes sem trato e sem carinho,  
Mãos que varrem e cozinham.

Lavam e estendem roupas nos varais,  
Poupam e remendam.  
Mãos calejadas e semeadoras

Íntimas do semear, do arroz e do feijão,  
Semeiam e cultivam sementes crioulas de hortaliças.  
Para melhorar e qualificar sua alimentação.

Íntimas da horta. Do tacho de cobre.  
Da panela de barro. Do fogão de lenha.  
Da cinza da fornalha.  
Que aram o velho terreiro  
E fazem a plantação.

Mãos doces... Jamais ociosas.  
Fecundas. Imensamente ocupadas.  
Mãos laboriosas.

Abertas sempre para dar, ajudar,  
unir e abençoar.

Mãos de semeadora  
Acostumadas com o trabalho.  
Semeando sempre as sementes de vida.  
Jamais para elas  
os júbilos da colheita.

(Cora Coralina, adapt. De Ana Elza)<sup>1</sup>

A poesia de Cora Coralina, reescrita por Ana Elza, participante ativa do Movimento das Mulheres Agricultoras, retrata a vida e as mãos das mulheres agricultoras pobres, que buscam cotidianamente uma vida mais digna e justa, onde o cuidado com a criação está ligado intimamente com a luta também pela sobrevivência. O presente artigo<sup>2</sup> objetiva refletir sobre as mulheres e o cuidado com a criação a partir de uma perspectiva teológica brasileira, isto é, a partir da teologia feminista de libertação e de gênero como instrumental de análise.<sup>3</sup> Questiona-se e avalia-se a construção dos papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres, permitindo analisar como se dão as relações de poder no cuidado com a criação. A poesia de Cora Coralina, adaptada pela agricultora Ana Elza, aponta para a construção social do papel da mulher e também para a sua classe social:

“Mãos de semeadora,  
acostumadas ao trabalho,  
no entanto,  
jamais para ela  
os júbilos da colheita”.

Portanto, falar de mulheres e criação a partir do Brasil e da América Latina é falar a partir de relações de conflito e muito mais se esta mulher for negra, indígena, sem-terra, sem-teto, etc... No entanto, a conscientização<sup>4</sup> das relações de poder, que se manifestam no cotidiano, vão também abrindo perspectivas de questionamento e de construção de novas e diferentes relações tanto no contexto rural quanto no urbano. Neste processo, a vivência da espiritualidade, através da leitura da Bíblia, de orações, de cânticos, hinos, poesias exerce um papel muito importante nos grupos populares no Brasil e na América Latina. A teologia feminista da libertação reflete o cotidiano da mulher empobrecida e lutadora por uma vida digna e justa, retomando elementos cristãos libertadores e afirmadores da dignidade e criticando elementos da tradição cristã que discriminam a mulher. Através do instrumental de gênero se questiona a naturalização de relações que oprimem e usam a violência contra a mulher. Neste sentido, muitas vezes a mulher tem sofrido violência, assim como também a natureza tem sido explorada e oprimida. Muitas vezes, as mulheres gemem e clamam pela violência sofrida, assim como criação geme de dor pela destruição que sofre.

A teologia feminista da libertação sempre parte da suspeita de que o cristianismo tem mais a oferecer do que aquilo que é oferecido. Ela afirma, a partir de Gênesis 1.26-27, a dignidade das mulheres como criaturas feitas à imagem de Deus e participantes íntegras do corpo de Cristo (Gálatas 3.27-28). Mediante o batismo de Jesus Cristo, já não há mais nem judeu nem grego, escravo ou livre, homem e mulher, portanto, não há motivos para a discriminação, pois somos todos e todas novas criaturas em Cristo.<sup>5</sup> Portanto, à mulher cabem também os júbilos da colheita. Para que isto se concretize no cotidiano, isto é, para que a mulher

<sup>1</sup> Poesia de Cora Coralina, com adaptação feita por Ana Elza, publicada na cartilha do Movimento das Mulheres Agricultoras. Disponível em: <[http://www.mmcbrasil.com.br/materiais/.../cartilha\\_sementes.pdf](http://www.mmcbrasil.com.br/materiais/.../cartilha_sementes.pdf)>. Acesso no dia: 30.04.2010.

<sup>2</sup> Este texto foi apresentado de forma modificada numa mesa redonda na I Conferência Eumênica Internacional de Teólogas, realizado em Helsinki/Finlândia, nos dias 08 a 10 de junho de 2010. Encontra-se em inglês sob o título “Woman and creation”, disponível no site: <[http://www.mission.fi/in\\_english/news/called\\_to\\_be\\_holy/](http://www.mission.fi/in_english/news/called_to_be_holy/)>. Acesso em 10.12.2010.

<sup>3</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (Org.) *Gênero e Teologia: interpretações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Loyola/SOTER, 2004. p. 172. “Na América Latina, o termo Teologia Feminista de Libertação foi adotado, oficialmente, em dezembro de 1993 [...] Ao empregar o termo feminista, as teólogas reunidas assumiram gênero como categoria de análise (assim como já haviam utilizado classe e raça/etnia) dentro de um princípio metodológico de desconstrução e reconstrução.”

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação/ uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Trad. Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980. p. 25.

<sup>5</sup> DEIFELT, 2004, p. 173-175.

seja valorizada em sua vida cotidiana, é necessário que a mulher tenha acesso à educação, qualificação teórica e profissional, aos diferentes meios de informação, comunicação e de formação, participando de diferentes instituições, tendo direito à palavra e aos diferentes centros de decisões, para que também alcance a emancipação humana.<sup>6</sup>

A partir destes referenciais, irei dividir a presente reflexão em três partes: Louvor e confissão, memórias/martírio e narrativas, cuidado e compromisso

### 1 Louvor e Confissão

Em primeiro lugar, precisamos louvar ao bondoso Deus pelo Brasil, pela América Latina... pela nossa terra... pelos nossos contextos diversificados... pela biodiversidade da flora e da fauna. O Brasil é um país lindo, com uma grande biodiversidade, com distintas regiões, com abundância de água, de sol, de praias, de terra, de matas. Antes de refletir racionalmente sobre a temática da criação, é necessário ter uma atitude de reverência, isto é, de profunda espiritualidade, de silêncio, para poder escutar o canto dos pássaros, o som das águas, para admirar as flores, os animais, as árvores... Enfim, para escutar e perceber a dança de toda a criação.

Silenciar e escutar são atitudes que mostram o desejo de querer conhecer a diversidade de tudo aquilo que nos cerca como seres humanos. Antes de refletir racionalmente sobre os problemas ambientais que cercam nosso país e a terra que habitamos, precisamos reaprender a admirar e a louvar a sabedoria divina que tudo criou e viu que tudo era muito bom. (Gênesis 1.31). Louvar a Deus, no entanto, não é uma atitude passiva. O louvor nos ensina a construir um novo olhar, isto é, a olhar para a criação com o coração e com a razão. Nós somos criaturas amadas de Deus e tudo

foi criado para o nosso bem. O novo olhar também vai perceber que fomos criados como seres relacionais, mulheres e homens, animais, plantas, terra, água, árvores, flores... Vivemos e necessitamos uns dos outros. Entendo que, quanto maior for a nossa admiração, maior também será o nosso cuidado com a criação. O louvor a Deus é uma das primeiras atitudes ecológicas. Louvar significa aprender a admirar.<sup>7</sup> Aprendamos a louvar a Deus com o Salmo 95.

“Vinde, cantemos ao Senhor, com júbilo, celebremos o Rochedo da nossa salvação. Nas suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes lhe pertencem. Dele é o mar, pois ele o fez; obra de suas mãos os continentes. Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do Senhor que nos criou”.

E aprendamos a nos maravilhar e a admirar a criação com palavras do Salmo 104.24:

“Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas.”

O louvar está intimamente ligado com o confessar. O Credo Apostólico, como confissão de fé, inicia afirmando que Deus é o Criador do céu e da terra. Portanto, toda vez que celebramos em comunidade e confessamos a fé cristã, assumimos que “nada nos pertence, tudo é Deus e tudo Deus quer dar”, tudo é graça de Deus. Quem louva a Deus como criador também confessa que a “Deus pertence a terra e tudo o que nela contém” (Salmo 24.1). Deus renova a face da terra com o sopro do Espírito Santo. Quem louva e confessa Deus como criador, admira, silencia, louva, cuida e não violenta a sua criação. O louvor leva a confissão e a confissão leva a ação, isto é, ao compromisso de cuidar.

No entanto, a criação toda geme dores de parto (Romanos 8.22ss). A memória traz ao coração, dores de mulheres brasileiras que

<sup>6</sup> Utilizo a terminologia “*emancipação humana*” tendo como pressuposto a reflexão de MARX, Karl. A questão Judaica. In: MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 33-73: Veja também a tese de doutorado ULRICH, Claudete Beise. *Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de escola comunitária luterana*. São Leopoldo: IEPG, 2006. p. 68-72.

<sup>7</sup> Veja texto de GAEDE NETO, Rodolfo. O cuidado com a criação. *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*, 11.06.2009. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/articles/13039/0/O-cuidado-com-a-criacao/0.html>>. Acesso em: 21.04. 2010.

morreram na luta por justiça social na luta pela terra campo e também no respeito à criação.

### Memórias/Martírio e Narrativas

Os movimentos sociais que lutam pelo direito à terra são, atualmente, os movimentos sociais mais ativos no Brasil. Por isso, falar de cuidado com a criação, a partir do Brasil, também é falar de uma história de conflito. A terra ainda está concentrada em mãos de poucos proprietários, de grandes empresas transnacionais... Há também conflitos entre indígenas e agricultores. Falar de cuidado com a criação é também falar de conflito social. No Brasil, ainda não se realizou uma reforma agrária digna para os trabalhadores e trabalhadoras pobres.

Trago algumas memórias, histórias de martírio, de algumas mulheres que lutaram pela libertação de toda a criação e, por essa causa, também sofreram a morte:

Margarida Alves – Alagoa Grande/PB/Brasil. Assassinada com um tiro no rosto, em frente ao seu filho de 10 anos, no dia 12 de agosto de 1983, Margarida lutava pelos direitos dos trabalhadores do campo, o registro em carteira profissional, a jornada de oito horas e as férias obrigatórias. Sua persistência gerou a ira dos latifundiários locais.

Roseli Celeste Nunes da Silva – RS/Brasil Foi mãe do primeiro bebê a nascer em terra ocupada na Fazenda Annoni, em 1985. Sua vida e morte, atropelada durante uma manifestação por um caminhão de uma empresa agrícola, confundem-se com a luta pela Reforma Agrária no Brasil. Rose acabou dando nome ao documentário Terra para Rose, lançado em 1987 e chegou às telas de cinema 10 anos depois com o filme O Sonho de Rose.

Irmã Cleusa Rody Coelho – Lábrea/AM/Brasil. Irmã Cleusa dedicou sua vida como missionária agostiniana recoleta. Foi na defesa da terra e da paz indígena que morreu, assassinada, às margens do rio Pacιά, na Prelazia de Lábrea.

Irmã Adelaide Molinari – Marabá/Brasil Gaúcha, nascida em Garibaldi/RS, irmã Adelaide foi assassinada durante um atentado a uma liderança sindical na cidade Eldorado, no Pará, no dia 14 de abril de 1985. Sua vocação religiosa a levou ao trabalho de ser

presença da Igreja entre o povo pobre e sofrido daquela região.

Irmã Dorothy Stang – PA/Brasil. De nacionalidade norte-americana e naturalizada brasileira, a irmã Dorothy participava da Comissão Pastoral da Terra. Ativista dos direitos humanos, atuava junto às comunidades de Anapu, em defesa da instalação de um projeto de desenvolvimento sustentável, que implicaria na retirada de fazendeiros acusados de terem títulos grilados. Sua morte foi encomendada por fazendeiros da região e executada no dia 12 de fevereiro de 2005.

Dorcelina Folador – Mundo Novo/MS/Brasil Foi a primeira portadora de deficiência física oriunda do Movimento Sem Terra a governar um município no Brasil. Sua coragem no combate ao tráfico de drogas e de crianças, o comércio de armas e o latifúndio, levaram a sua morte, alvejada com seis tiros dentro de sua residência no dia 30 de outubro de 1999.<sup>8</sup>

As memórias e narrativas dessas mulheres mártires revelam uma história de dores e sofrimentos no Brasil. No entanto, é necessário também afirmar que a luta das mulheres pobres é uma luta de resistência. Elas lutam também por um novo país, mais justo e digno... pelo acesso à terra por todas as classes sociais, especialmente, pelos pobres.

A CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito que analisa a questão fundiária brasileira) destacou já em 2005 que os problemas de Terra no Brasil podem ser resumidos em três pontos: “a imensa concentração de terra nas mãos de poucos, com a conseqüente expulsão do campo de milhões de trabalhadores, de sorte que a desconcentração fundiária emerge como o grande desafio a ser enfrentado pela sociedade brasileira; a crescente violência decorrente dessa concentração; a resistência dos trabalhadores sem terra, organizados ou não, que têm na luta pela terra a única alternativa de sobrevivência”.<sup>9</sup> Em abril deste ano, o professor Sérgio Sauer, da Universidade de

<sup>8</sup> *Câmara inaugura Memorial das Mulheres Mártires*, 09.03.2006. Disponível em: <<http://www.cmgravatai.rs.gov.br/noticiascompleta.asp?Id=332>>. Acesso em: 28.04.2010.

<sup>9</sup> *Concentração da Terra*, 22.11.2005. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&od=20023>>. Acesso em: 28.04.2010.

Brasília (UnB), afirmou que os dados apurados pelo último Censo Agropecuário confirmam que o Brasil possui a maior concentração fundiária do mundo, apontando para a exclusão social e marginalização das populações do campo. Um dado apontado pelo professor é est arrecedor: “quase 75% da população do campo é analfabeta, portanto não tem acesso a um direito básico que é a educação”.<sup>10</sup> Ele também disse que “está havendo uma diminuição dos crimes no campo e um aumento na campanha pela criminalização dos movimentos sociais, pois no caso de mortes, cria-se uma empatia entre a vítima e a sociedade, enquanto o processo de criminalização tira a legitimidade das lutas sociais”.<sup>11</sup>

Percebe-se novas estratégias de combate aos movimentos sociais organizados no Brasil. A questão agora não é mais matar, e sim criminalizar as ações dos movimentos, isto é, acusá-los de criminosos. Ninguém se solidariza com uma pessoa criminosa e, assim, procura-se desfazer a luta dos movimentos sociais, especialmente, a luta pelas transformações sociais na relação com a terra.

### Cuidado e Compromisso

Dentro de toda esta realidade de dores de parto da criação no Brasil, as mulheres, como vimos, não estão de braços cruzados. Em diferentes partes do país, elas estão organizadas nos movimentos sociais, sendo protagonistas na luta. Muitas mulheres estão organizadas em movimentos populares.

Um dos exemplos é o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco de Babaçu (MIQCB), que, desde meados da década de 1980, reúne quebradeiras de coco babaçu, em quatro estados brasileiros - Pará, Maranhão, Tocantins e Piauí. Para o MIQCB, as mulheres são o eixo central. “É uma questão de identidade, quem mais se identifica com o babaçu são as mulheres. Atualmente, a

principal luta das quebradeiras é a implantação da Lei dos Babaçus Livres para a conservação das palmeiras em pé. “A concentração de terra é muito grande e os fazendeiros tiram o babaçu para plantar o capim”, dizem elas, e continuam: “Sabemos que uma empresa Alemã irá plantar, no Maranhão, 500 hectares de óleo de dendê, que é um dos principais concorrentes do babaçu.” Com isso, serão 500 mil hectares de babaçu que vão ser devastados. A gente está buscando aliados, não é só 500 mil hectares de babaçu derrubado, mas são milhares de famílias que vão ficar sem ter da onde tirar seu alimento?.”<sup>12</sup>

Neste ano no dia 08 de março 2010, Dia Internacional da Mulher, elas se mobilizaram em 15 estados brasileiros, através da Via Campesina<sup>13</sup> e realizaram Jornada de Luta contra o Agronegócio e contra a Violência: por Reforma Agrária e Soberania Alimentar. Elas afirmaram em seu manifesto:

**Nós mulheres**, camponesas, ribeirinhas, extrativistas, indígenas, quilombolas e sem terra, denunciemos neste 08 de Março DIA DE LUTA DAS MULHERES, a extrema gravidade da situação do campo brasileiro. Não nos subordinaremos a este modelo capitalista e patriarcal de sociedade, concentrador de poder, de terras e de riquezas.

**Nos mobilizamos**, para enfrentar a crise política, econômica, social e ambiental, criada pelas elites que controlam o Estado brasileiro: o capital financeiro internacional e as empresas transnacionais.

<sup>10</sup> XAVIER, Márcia. *Concentração de terra demonstra desigualdades sociais do Brasil*, 14.04.2010. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=127630&id\\_secao=1](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=127630&id_secao=1)>. Acesso em: 28.04.2010.

<sup>11</sup> XAVIER, Márcia. *Concentração de terra demonstra desigualdades sociais do Brasil*, 14.04.2010. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=127630&id\\_secao=1](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=127630&id_secao=1)>. Acesso em: 28.04.2010.

<sup>12</sup> IERVOLINO, Thais. Conquistas e desafios das mulheres na Amazônia. *Mercado ético*, 08.03.2009. Disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/conquistas-e-desafios-das-mulheres-na-amazonia/>>. Acesso em: 28.04.2010.

<sup>13</sup> “A Via Campesina é uma organização internacional que agrega diversos movimentos pela reforma agrária em países da América Latina. No Brasil, reúne o Movimento dos Sem-Terra (MST), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Pequenos Agricultores, dos Atingidos por Barragens e outros” (PILATTI, Edson Leonardo. Mulheres Sem-terra protestam em 15 Estados contra o agronegócio. *Economia Solidária e agroenergia*, 09.03.2010. Disponível em: <<http://economiasolidariaeagroenergiaparana.blogspot.com/2010/03/mulheres-sem-terra-protestam-em-15.html>>. Acesso em: 28.04.2010.

**Reafirmamos a luta como única saída para as transformações sociais! E nós temos direito de lutar!**

**Nos mobilizamos** para defender, a agroecologia, a biodiversidade, a agricultura camponesa cooperada, a produção de alimentos saudáveis, a Reforma Agrária, os direitos previdenciários, a saúde e educação gratuita e de qualidade para todos. Para defender a terra, a água, as sementes, a energia e o petróleo como bens da natureza a serviço dos seres humanos.

**Por um mundo sem violência contra as mulheres** – Nossa luta também é pelo fim de toda forma de violência cometida contra as mulheres. A violência está alicerçada no machismo, no modelo de sociedade patriarcal e capitalista, que nos coloca como mercadorias e objetos, e outras formas de mercantilização do nosso corpo, além da exploração da nossa força de trabalho não remunerada.

Temos o direito de decidir sobre os rumos de nossas vidas e de nossa sexualidade. A violência contra a mulher precisa acabar no nosso país e devemos construir uma sociedade onde todos e todas tenham o direito de viver com dignidade.

**Seguiremos lutando e organizando** as mulheres, os homens, a juventude trabalhadora, as crianças para defender os nossos direitos de viver no Brasil justo, igualitário, soberano e sem VIOLENCIA contra as mulheres!<sup>14</sup>

Portanto, as mulheres pobres, camponesas, organizadas, estão lutando por um Brasil, justo, digno e sem violência contra as mulheres e também contra a criação. No entanto, esse processo de luta é duro, conflitivo. São muitos os gemidos de dor da criação e das mulheres no Brasil. De acordo com Veuthey, “quando as mulheres participam ativamente nas lutas seja liderando, organizando ou participando ativamente nas decisões, elas frequentemente redefinem sua posição social

dentro de sua própria cultura, enquanto ao mesmo tempo desafiam à economia global.<sup>15</sup>

Foi possível perceber, a partir da pauta de reivindicações das mulheres da Via Campesinas, que a luta contra o agronegócio, a busca de uma agroecologia, a luta por um mundo sem violência contra as mulheres é a busca de novas relações sociais e de gênero. O compromisso, a organização e a mobilização das mulheres nas ruas do Brasil (8 de março de 2010) é um chamado ao compromisso e ao cuidado de toda a criação. Elas estão nos convidando a questionar: Será que o nosso jardim, chamado Brasil, não está sendo colonizado outra vez pelo agronegócio e pelas transnacionais, marcados pela globalização e pelo mercado neoliberal?

A nova realidade da ressurreição realizou-se num jardim... Maria Madalena encontrou-se com Jesus e pensou que Ele era o jardineiro. Jesus a chamou pelo nome e ela o reconheceu. O túmulo vazio fala do compromisso com o jardim que precisa ser cuidado. Portanto, falar das mulheres e da criação a partir do Brasil é assumir compromisso com a luta das mulheres trabalhadoras, bem como com o respeito e o cuidado por toda a criação. Nesse sentido, não quero esquecer o importante trabalho das mulheres catadoras do lixo no Brasil e o trabalho com os recicláveis (não só das mulheres, de muitos homens e de muitas crianças).<sup>16</sup> Milhares de famílias em todo o Brasil vivem do trabalho dos catadores e catadoras de lixo. O trabalho destas pessoas é uma grande contribuição para com o cuidado da criação, bem como a reciclagem e comercialização do lixo significa o “pão nosso de cada dia” na mesa de muitas famílias brasileiras. Já afirmava Lutero: o trabalho do médico é tão importante quanto o trabalho do lixeiro para o bem de toda a humanidade.

<sup>14</sup> *Mulheres contra o trabalho escravo. Camponesas lutam contra agronegócio e a violência contra a mulher.* Disponível em: <<http://www.consciencia.net/agencia/camponesas-lutam-contra-agronegocio-e-a-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso em: 28.04.2010.

<sup>15</sup> VEUTHEY, Sandra. *Conexão de correntes ambientais e gênero.* Disponível em: <<http://womenonthemarch.wordpress.com/2010/03/23/conexao-de-correntes-ambientais-e-genero/>>. Acesso em: 28.04.2010.

<sup>16</sup> FERREIRA, Simone de Loiola. Os “Catadores do Lixo” na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental. *Revista Urutágua: revista acadêmica multidisciplinar (eletrônica)*, Maringá, 2004. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/007/07ferreira.htm>>. Acesso em: 28.04.2010.

Eis aí um desafio para a educação teológica, para a missão, para a catequese, para a diaconia, para a liturgia lutar por mudanças locais e globais em relação ao nosso comportamento com toda a criação, criando uma consciência ecológica, levando ao cuidado. A teologia tem o papel de questionar e de participar deste processo de organização, luta, reivindicação, novos projetos, novos diálogos, novas possibilidades que nascem a partir da força revolucionária das mulheres pobres organizadas, atuantes também em suas comunidades eclesiais, sejam católicas, evangélicas ou protestantes. As mulheres da Via Campesina, movimento autônomo de mulheres, deixam claro que esse processo de cuidado com a criação é tremendamente conflitivo, sim, mas aberto, educacional, ecumênico, plural...

teológico, embasado numa profunda espiritualidade que brota da luta das mulheres pobres. A terra é graça de Deus... e não é propriedade de alguns poucos. A terra significa vida para todas e todos (na diversidade da criação) e precisa ser cuidada e não explorada pelo agronegócio, pelas transnacionais... sendo, enfim, destruída pelo lucro, pelo capital! Precisamos levar aos púlpitos e a todos os espaços a teologia do cuidado da criação. Precisamos entrar numa nova sintonia com toda a criação. Vamos lá: as mulheres pobres camponesas nos convocam à reflexão e à ação!!!

[recebido em: novembro de 2010,  
aceito em: dezembro de 2010]